



Organizadoras

Isabel Kahn Marin

Maria Teresa Venceslau de Carvalho

Regina Orth de Aragão

PSICANÁLISE

Quem é o bebê hoje

A construção do humano na contemporaneidade

Blucher

QUEM É O BEBÊ HOJE

*A construção do humano
na contemporaneidade*

Organização

Isabel Kahn Marin

Maria Teresa Venceslau de Carvalho

Regina Orth de Aragão

Quem é o bebê hoje: a construção do humano na contemporaneidade

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Thaís Costa

Preparação de texto Ana Maria Fiori

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Évia Yasumaru

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Quem é o bebê hoje : a construção do humano na contemporaneidade / organizado por Isabel Kahn Marin, Maria Teresa Venceslau de Carvalho, Regina Orth de Aragão. - São Paulo : Blucher, 2022.

320 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-524-4 (impresso)

ISBN 978-65-5506-520-6 (digital)

1. Psicologia infantil. 2. Parentalidade. I. Marin, Isabel Kahn. II. Carvalho, Maria Teresa Venceslau de. III. Aragão, Regina Orth de.

22-1605

CDD 155.4

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia infantil

Conteúdo

Apresentação 9

*Isabel Kahn Maria, Maria Teresa Venceslau de Carvalho,
Regina Orth de Aragão*

Em lembrança de Víctor Guerra 21

Claudia Ravera

A tese de Víctor Guerra 25

Celso Gutfreind

Parte 1. O atravessamento da tecnologia na vida dos bebês

Das novas tecnologias ao velho apego 39

Celso Gutfreind

Um arranjo possível diante da solidão materna: a escrita
em blogs de maternidade 47

Isabela Lemos Arteiro, Maria Consuêlo Passos

Observação de bebês e presenças midiáticas 55

Edilaine Bronzeri Pugliese, Andrea Amaral de Almeida Prado, Bruna Ballan Maluly, Cristiane da Silva Geraldo Folino, Gisele Escorel, Mariângela Mendes de Almeida, Tereza Marques de Oliveira

Parte 2. Cuidados básicos, educação e cultura: das redes necessárias para a constituição do sujeito

Políticas públicas para a proteção do bebê 79

Ana Cecilia Silveira Lins Sucupira, Francisca Julia dos Santos Sousa, Juliana Rodrigues Pinto, Maria do Socorro Carneiro Linhares

Mas para onde foi o pai? 123

Christine Davoudian

Contribuições de Elinor Goldschmied e Donald Winnicott para os cuidados e a educação de bebês 137

Paulo Sergio Fochi, Bianca Sordi Stock

Arte contemporânea, bebês e crianças bem pequenas: que conversa é essa? 155

Maria Paula V. Zurawski

**Parte 3. Atualizações da clínica da primeira infância:
riscos, intervenções e patologização**

Formas de expressão corporal do sofrimento psíquico nas
crianças psicóticas e autistas e cuidados pelas mediações
terapêuticas 169

Anne Brun

“Sinto que meu filho se perde!”: aumento alarmante de
consultas de meninos pequenos com desvios de
desenvolvimento psicomotor 185

Claudia Ravera

Grupo terapêutico interativo com pais e crianças pequenas
do Lugar de Vida: uma proposta de resgate do saber e do
prazer parental 215

*Maria Eugênia Pesaro, Cristina Keiko I. Merletti, Marina Belém
Lavrador*

Saúde e sofrimento psíquico no contexto das relações iniciais:
reconhecimento e intervenções psicanalíticas em cena 231

*Mariângela Mendes de Almeida, Maria Cecília Pereira da Silva,
Stephania Batista Geraldini, Fátima Maria Vieira Batistelli*

Relato de uma experiência de atendimento em grupo de
bebês com suspeita de “transtornos do espectro do autismo”
e suas famílias 253

Eliane Pessoa, Paula Ferraz, Carla Boy, Iasmin Morínigo, Sueli Benante

Intervenções oportunas em bebês com sinais de risco em saúde mental	273
<i>Vera B. Zimmermann, Juliana de Souza Moraes Mori, Marcela Assef, Paula Gandolfo, Rosana Maria Ojeda, Silvana Vieira Silveira Santos</i>	
A construção da função materna nas situações em que o recém-nascido é diagnosticado com uma patologia crônica	295
<i>Patrícia L. Paione Grinfeld</i>	
Sobre os autores	309

Das novas tecnologias ao velho apego

Celso Gutfreind

*Nada mais difícil do que encontrar
um objeto realmente neutro.*

Octavio Paz

A literatura, esta saúde.

Gilles Deleuze

Estranha profissão a do analista ou a de qualquer cuidador. Por ser humana e só poder existir se for humana. Por não poder dispor, na hora H, da velha ou da nova tecnologia. Por lidar com bebês novos, desamparados e transferidos a toda hora. Não tem remédio nessa hora que não o tempo, “estar com” (Stern, 1997), emprestar-se. Já não é profissão. É ofício. Mais arte do que ciência. Artesania de que máquina nenhuma é capaz.

Será preciso olhar, tocar, brincar e calar até falar, essa saúde. Mas, inevitavelmente, antes é preciso adoecer. Diante de uma tela somos aparentemente saudáveis, mas fantasmas e barulhos

perdem a chance de serem acolhidos. Dessa acolhida, com olhar, toque, textura, depende o desenvolvimento.

A doença do outro ecoa em nós e seremos, como em Macbeth, o nosso próprio médico. A doença interessa ao analista como em *A Montanha mágica*, que fez Sigmund Freud se interessar por Thomas Mann e vice-versa. Já não se pode calar a doença. Já não se deve calar a doença. De seus barulhos virá a música, essa saúde.

Dessa doença e sua mágoa virá a transformação que propomos manifestamente depois de nos ter sido proposta de forma latente. Não podemos abafá-la. Não devemos abafá-la. Dela virá a saúde como o antídoto vem do veneno e como Freud buscou no luto pela morte do pai a matéria de sua autoanálise e a cura possível (Quinodoz, 2015). Se fosse abafada, não haveria autoanálise.

O desamparo extremo de um menino fisicamente doente como um bebê de Spitz e de todos nós, desorganizados psicossomaticamente, me fez adoecer com ele. Ele tinha uma síndrome e muitos nomes para se livrar dela. Ele chorava sem palavras. Foi preciso adoecer com ele para encontrar as palavras, essa saúde. Eu contraí minha própria doença no cruzamento de nossos desamparos diante de duas mães desamparadas. É o prelúdio do teatro de quem cuida. Afogar-se primeiro para depois vir à tona. E, agora, precisaria penetrar na selva do meu desamparo, para, juntos, produzirmos o epílogo da vacina para ele. Para a mãe dele. E para a minha. E isso só se faz com doença e poesia, ausentes nas novas tecnologias, incapazes de propor prosódia e toque com olhar.

Foi o que fizemos. É o que fazemos nesse ofício de risco. A descrição da análise do menino abarcaria entrevistas dialogadas e conceitos como resistência, elaboração, interpretação e transferência. Fala-se muito de uma neurose de transferência, e sabemos das dificuldades históricas de abordar uma neurose de

contratransferência, dois termos, aliás, raramente justapostos. Freud pouco falou disso, legando a todos nós essa necessidade.

Preocupação materna primária é aquela loucura necessária que a mãe desenvolve no final da gravidez e permanece no puerpério como um propulsor do vínculo com o bebê (Winnicott, 1969). O vínculo começa inevitavelmente simbiótico, sem distinção entre o eu e o outro, e a mãe, aqui, se empresta ao bebê para ele se constituir. Uma doença saudável que pode, como um construto para se pensar o processo, atualizar-se na transferência, especialmente no começo, quando o sofrimento do outro retira o envelope (Kaës, 2001) do sofrimento do analista. A cura será, então, voltar a envelopar os dois. Isso, no fundo, não se faz com máquina, embora pareça ser feito quando vemos um bebê teclar, abafando os barulhos precursores de sua música e de seus símbolos, essa saúde.

Outro construto que nos parece abarcar a experiência vivida com o menino e todos os outros é o conceito de “lei materna”, de Víctor Guerra, a partir de René Roussillon, quando valorizam a importância do ritmo materno na interação com o bebê e o quanto a artesanaria de acompanhar o ritmo de um bebê é necessária para o desenvolvimento de sua subjetividade, essa saúde. Acompanhar num duo, jazz ou sinfonia, respeitando a autonomia do outro e co-construindo uma nova ópera com ele (Golse, 2006; Guerra, 2017).

O respeito e o ajustamento ao ritmo dos bebês são valorizados por muitos interacionistas em meio a descontinuidades, igualmente valorizadas (Cicccone, 2018). De nossa parte, estamos sempre atentos à reedição de tudo isso em cada encontro, independentemente da idade de quem encontramos, já que todas as idades presentes transferem todas as precedentes, incluindo os bebês. Ou, especialmente, os bebês que carregam um começo tão decisivo, sempre disposto a ser relançado, basta encarar que é encontrar: “Trago em mim todas as idades”, cantou o poeta Hecker Filho.

Largos, descritivos, todos os construtos cabem, ainda que imperfeitamente, na síntese de um poema que, sem aquele menino, eu não faria. Que novas tecnologias podem ser veículos para a poesia das pessoas, mas não a fonte. Aqui elas padecem da neutralidade e não oferecem o essencial: afetos dos piores aos melhores com olhar, toques, ternura e textura. A neutralidade não cuida nem compõe. Compomos teorias para compor poesia, esse punhado de emoção nada neutro. E, sem poesia, teoria nenhuma faria efeito.

Eu precisava penetrar na selva do meu herpes, nome orgânico e provisório de minha doença, ou a dele em mim (contratransferencial), e do meu desamparo e dos nossos, para, juntos, produzirmos a vacina para ele. Para ele e para mim. E isso só se faz com doença e poesia.

A poesia (a arte mais pura) é o que o ser humano inventou de mais saudável para lidar com a sua impureza e livrar-se, nem que em parte, da sua impureza. Não aparece nos tratados nem constará do CID-11, mas toda análise bem-sucedida, seja lá o que isso significa, redundará na construção de um poema, escrito ou não. Parte-se de uma tendência de linearidade e de concretude do sintoma para se chegar à polissemia de uma metáfora.

A metáfora que eu escrevi quando, contratransferencialmente, elaborei meu herpes e aquele menino livrou-se, na maior parte do dia, de seu núcleo paranoide e conseguiu, fora da análise, um amigo, foi essa que chamei de “Apologia do encontro”:

Não sou neutro.

Não filtro.

Não blindo.

Este menino

*que encontro
dói em mim
a tristeza dele me soa
nos ossos recônditos
e desaba
em lágrimas
de alma além
de qualquer anatomia
do corpo sem palavras
ainda,
mas uma melodia
nasce
sei lá onde desses corpos
como o peixe escondido
em Guernica
como o barulho
que ganha ritmo,
ela é mínima
ela é distante
ela é frágil
como ele é,
eu fui e sou,
mas cresce*

*a cada olhar
e brincadeira
de meses anos
até que nos
tornamos
alegres
em parte
do dia,
a parte que nos cabe
de alegria
sem nem um esboço
de neutralidade*

Um amigo, um poema, um analista e um encontro, ao contrário de uma tela, jamais serão neutros e sempre serão capazes de fomentar alguma subjetividade.

Referências

- Ciccone, Albert. (2018). A ritmicidade nas experiências do bebê, sua segurança interna e sua abertura para o mundo. *In* Regina Orth de Aragão, & Sílvia Abu-Jamra Zornig (Orgs.). *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, Gilles. (2011). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.

- Golse, Bernard. (2006). *L'Être-bébé*. Paris: PUF.
- Guerra, Víctor. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanía da subjetivação humana. *Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, 26, 8-21.
- Hecker Filho, Paulo. (1995). *Ver o mundo*. Porto Alegre: Livros Camaleoa.
- Kaës, René. (2001). Introdução: o sujeito da herança. In René Kaës, et al. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paz, Octavio. (2014). *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva.
- Quinodoz, Jean-Michel. (2015). *Sigmund Freud*. Paris: PUF.
- Spitz, René. (1976). *De la naissance à la parole – La première année de la vie*. Paris: PUF.
- Stern, Daniel. (1997). *La Constellation maternelle*. Mesnil-sur-L'Estreée: Calmann-Lévy.
- Winnicott, Donald. W. (1969). *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.



Entre a realização do IV Encontro Internacional e XI Encontro Nacional sobre o Bebê em 2018, cujo tema era Quem é o bebê hoje: a construção do humano na contemporaneidade, e a organização deste livro, fomos atravessados por uma crise sanitária para a qual tornou-se difícil prever todas as consequências sociais, econômicas, políticas e subjetivas. Essa crise veio também revelar nossas fragilidades, vulnerabilidades e falhas. Nessa perspectiva, ela colocou em questão a estruturação do espaço e do tempo que organiza socialmente nossos movimentos e nossas maneiras de estar no mundo. Ela abalou assim o enquadre constitutivo da nossa sociedade, nossos grupos de pertencimento, nossas relações familiares, sociais e de trabalho. Como considerar essas perturbações sobre o que os bebês vivenciaram?

Nos perguntamos então de que contemporâneo falamos em 2022? Novas questões, novos dilemas, até que ponto as reflexões feitas em 2018, poderiam nos orientar para o momento? Entendemos que muitos dos trabalhos apresentados no Encontro trouxeram reflexões relevantes no que diz respeito à prática com bebês, respeitando o princípio fundamental de que o bebê humano se constitui no campo da intersubjetividade, no encontro de olhares, toques, sons, sensações, ritmos compartilhados com os pais ou com seus cuidadores de referência.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-524-4



9 786555 065244



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Quem é o Bebê Hoje

A construção do humano na contemporaneidade

**Isabel Kahn Marin, Maria Teresa Venceslau de Carvalho,
Regina Orth de Aragão**

ISBN: 9786555065244

Páginas: 320

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
